

KILOMBO URBANO CANTO DE CONEXÃO

Um catalisador da transformação urbana em Pelotas/RS

Bárbara de Bárbara Hypolito¹

Mapas são como dispositivos de pensamento em ato; eles criam realidades, criam territórios. Na cartografia urbana, mapear visa acompanhar territórios em processo, seus movimentos, fraturas, conflitos e potências de reinvenção, tornando perceptível aquilo que os regimes de opressão e exploração insistem em silenciar ou naturalizar. Tratam-se de diagramas, um exercício de agenciamento territorial, onde corpos, territórios, subjetividades e *afectos* constituem campos de força em operação.

Na tese *Ocupação urbana e cartografia dos afectos: pela emergência de uma Cidade da Diferença* (Hypolito, 2024), que analisou a experiência da ocupação Kilombo Urbano Canto de Conexão em Pelotas/RS, os mapas produzidos operaram como dispositivos cartográficos sensíveis, concebidos não como representações do território, mas narrativas do presente visibilizando relações de força, *afectos*, processos de territorialização e micropolíticas engendradas pela ocupação, evidenciando a emergência de outros modos de habitar, produzir cidade e reinscrever saberes e territorialidades historicamente negligenciados pelas narrativas oficiais.

O Diagrama 1 desenha um plano espesso de captura, cartografando forças hegemônicas em atuação num sistema-mundo neoliberal e financeirizado. Nele, a cidade aparece atravessada por linhas molares organizando corpos, subjetividades e territórios sob a lógica capitalista da propriedade privada, financeirização da vida, cidade mercadoria, abandono e produção sociourbana excludente. Não são apenas forças externas, localizadas em instituições ou aparelhos de Estado, mas tecnologias capilares que se infiltram na sociedade modulando desejos, produzindo cansaço, medo e autoexploração. O mapa evidencia como essas forças operam simultaneamente nos planos macro e micropolítico, articulando políticas urbanas, economia, controle social, racismo estrutural e degradação ambiental; e como se espacializam na média cidade de Pelotas, reproduzindo as políticas de exclusão engendradas desde o período charqueador. Revela-se uma cidade fragmentada e desigual, cuja potência de agir dos corpos é despotencializada pela produção sistemática de *afectos* tristes que tanto legitima práticas estatais para a inexistência da ocupa, quanto impulsiona a criação de táticas de [re]existência por meio das quais insistem em ocupar.

O Diagrama 2 organiza-se como deslocamento. Cartografa forças disruptivas emergentes desde dentro do território, acionadas pela experiência da Kilombo Urbano. Aqui, o território deixa de ser suporte passivo, torna-se campo de invenção. O mapa assume lógica rizomática: raízes se espalham como linhas de fuga, atravessando e expandindo os limites físicos e simbólicos do território. A ocupação aparece como operador micropolítico de reativação territorial, revertendo abandono em presença, ociosidade em uso comum e insegurança em encontro cotidiano. Também evoca a reativação de saberes ancestrais - modos de organizar a vida baseados na coletividade, na oralidade, na partilha e no cuidado; reinscrevendo no urbano práticas que dialogam com tradições quilombolas e afro-diaspóricas de resistência. Os saberes ancestrais

emergem como tecnologia viva de sobrevivência e criação de futuro, atualizada nas ações coletivas, mutirões, partilha e gestão horizontal do espaço. O Diagrama evidencia a transmissão e atualização de conhecimentos que escapam às epistemologias hegemônicas, reconhecendo o território como lugar de memória ativa, entrelaçando ancestralidade e presente, produzindo formas outras de habitar a cidade e de sustentar a vida comum.

Entre os diagramas não há oposição binária, mas tensão produtiva. As forças hegemônicas são desestabilizadas, atravessadas pelas forças disruptivas, abrindo brechas. Ações cotidianas, cozinhar, plantar, construir, tocar tambor, produzir cultura, acolher e compartilhar saberes assumem densidade política. O território entendido como algo produzido no encontro entre corpos, desejos e práticas coletivas. Os mapas operam uma escrita territorial, evidenciando que a cidade não é apenas resultado de planos e leis, mas de micropolíticas ativas que ao reterritorializar espaços e subjetividades instauram outras possibilidades de vida urbana. Cartografa-se a emergência de um comum insurgente, o território em disputa e onde a diferença afirma-se como princípio de existência.

Referência

HYPOLITO, B. B. *Ocupação Urbana e Cartografia dos Afectos: pela emergência de uma cidade da diferença*. [Tese de Doutorado] – FAU/UFRGS/PROPUR. Porto Alegre/RS, 381f., 2024.

¹ Arquiteta e Urbanista. Mestre em Urbanismo contemporâneo PROGRAU/FAURB/2015. Doutora em Planejamento Urbano e Regional PROPUR/UFRGS/2024.

